

Letramento Digital, Leitura e WHATSAPP: uma possibilidade de formar
leitores em Moçambique
Micaela Sílvia Simão Fondo Covane

Como citar: COVANE, M. S. S. F. Letramento digital, leitura e WhatsApp: uma possibilidade de formar leitores em Moçambique. In : GARCIA, D. N. M.; ALEXANDRE FILHO, P.; SANT'ANNA, D. V.; SANTOS, D. C. (org.). **Educação e tecnologias:** práticas em cenários disruptivos. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 79-94. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-321-2.p79-94>.



Letramento Digital, Leitura e *WHATSAPP*: uma possibilidade de formar leitores em Moçambique

Micaela Sílvia Simão Fondo COVANE⁹

Introdução

A necessidade de formar leitores vem desafiando a educação básica moçambicana, sobretudo nesses tempos de distanciamento social causado pela pandemia do COVID-19. Desse modo, milhares de crianças se encontram em processo de retorno presencial às aulas depois de longo período fora das salas de aulas, sem o contato habitual com o livro didático e com o professor. No entanto, o *WhatsApp* tem sido uma das formas mais utilizadas para promover interação entre alunos e professor, alunos entre si, professor com a família dos alunos etc.

Moçambique é um país complexo do ponto de vista de sua estrutura social, política, cultural e econômica. No que concerne à educação, ainda apresenta índices altos de analfabetismo. Portanto, pensar no aprimoramento das ferramentas oferecidas pelas novas tecnologias digitais, dentro e fora da sala de aula, acredita-se ser uma forma viável para que os professores continuem a ensinar, com um pouco mais de produtividade.

⁹ Escrito usando a ortografia de Moçambique exceto as citações. Doutoranda em Educação / PPGE / Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - campus de Marília/SP / *e-mail*: micaela.fondo@unesp.br

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-321-2.p79-94>

Há uma concepção tradicional bastante errônea de que as tecnologias de comunicação prejudicam o desempenho escolar. Com este artigo, pretende-se mostrar que essa concepção não passa de um mito historicamente construído e que, com ajuda do *WhatsApp*, o professor, sobretudo nesses tempos de calamidades públicas provocadas pelo COVID-19, pode ensinar a ler e escrever na tela do celular em seu cotidiano.

A escrita no mundo digital recupera marginalizados contrapontos históricos feitos a uma concepção de escrita apoiada integralmente no princípio alfabético. O homem com a escrita digital, reintroduz o componente logográfico, historicamente desprezado em virtude da predominância do princípio alfabético, e recria um conjunto híbrido, concretamente em troca instantânea de mensagens. Novos gestos, novos instrumentos, novos suportes e escrita revitalizada organizam novas relações entre os que ensinam, os objetos a serem ensinados e os que aprendem (ARENA, 2020, p. 78).

Por isso, defende-se que é preciso que a sociedade reconheça o uso das tecnologias como ferramentas de aprendizagem junto à escola, professores e crianças. Esse é o primeiro ponto. O segundo seria o reconhecimento do uso do *WhatsApp* para o ensino/aprendizagem da escrita, como ato de atribuir sentidos ao que lê no texto disponibilizado e criar novas relações com o mundo fora.

A escola moçambicana como instituição de ensino deve assumir o compromisso de formar cidadãos com um perfil que responda às demandas da sociedade. Desta forma, o presente artigo foca no uso do aplicativo *WhatsApp* como uma nova ferramenta de aprendizado, compreendendo que:

As novas tecnologias nos permitem ampliar o conceito de aula, de espaço e tempo, de comunicação audiovisual, e estabelecer pontes novas entre o presencial e o virtual, entre o estar juntos e o estarmos conectados a distância. (MORAN, 2006, p. 12).

Corroborando a ideia do autor, a escola moçambicana deve abrir o espaço para que a tecnologia digital faça parte das metodologias educacionais no ensino básico, porque, além de facilitar a comunicação audiovisual, potencializam o diálogo entre o professor e os alunos dentro e fora da sala de aula.

O contato virtual com os alunos do ensino básico por via das ferramentas digitais disponíveis, no celular, no *notebook*, pode reduzir de forma significativa o número de crianças e jovens que se tornam analfabetos, principalmente no contexto de pandemia em que vivemos.

Nesses termos, é imperioso que os professores, junto com as escolas como entidades competentes, incentivem a criação de grupos de *WhatsApp*, para fins educativos; tendo em vista que, a partir da troca de mensagens no celular, as crianças terão a necessidade de aprender a ler mesmo distante do professor e do livro didático, como de costume.

Uma parte mais importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais. [...] é importante também diversificar as formas de dar aulas, de realizar atividades, de avaliar, de integrar os meios de comunicação na escola. (MORAN, 2006, p. 32-33).

Essas e outras ferramentas que as novas tecnologias oferecem podem proporcionar uma aprendizagem adequada ao aluno e permitir que ele conheça o mundo à sua volta e enfrente as demandas impostas pela globalização. Portanto, seria importante que o ensino básico moçambicano adotasse essas novas tecnologias para diversificar as metodologias de ensino e aprendizagem da leitura.

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manifestações. É importante educar para usos democráticos mais progressistas e participativas das tecnologias que facilitem a evolução dos indivíduos. (MORAN, 2006, p. 36).

Este artigo, dando continuidade às discussões na disciplina *Educação e Novas Tecnologias: implicações ao currículo da educação básica e superior*, ministrada no Programa de Pós-Graduação da Unesp-Marília, estabelece reflexões sobre a possibilidade de formação de leitores a partir do *WhatsApp*, disponível no celular, tendo em conta o letramento digital.

Para tal, numa primeira fase, discuto o conceito de letramento postulado por Soares (2009) que defende que o letramento digital é ter acesso à informação e à linguagem escrita, seja no papel ou na tela quando se tratar das novas tecnologias. Partindo desse pressuposto, é possível compreender o letramento digital como uma forma de acesso à informação em vários suportes. Posteriormente, discorro sobre a sua aplicação no nosso cotidiano e sua viabilidade para a formação do leitor em contexto de pandemia.

Para compreender a leitura como ato de construção de sentidos, tomaram-se como base os conceitos de Geraldí (2009), Arena (2010) e

Foucambert (2014), segundo os quais ler é questionar o texto e atribuir sentido ao escrito. Para além destes autores referenciados, não se descarta a possibilidade de trazer outros que discutem o letramento assim como a leitura na perspectiva de construir sentidos.

Metodologicamente, esta reflexão desenvolveu-se a partir da leitura de textos anteriores a este, isto é, foram consultados artigos publicados em revistas e apresentados em congressos, assim como livros que versam sobre o tema. Portanto, buscou-se, também, compreender a leitura na perspectiva da linguagem, assim como os conceitos do letramento digital defendido pelos pesquisadores da linguística aplicada como forma de fazer um contraponto com a filosofia da linguagem.

Letramento Digital: entre conceitos e práticas

O termo letramento digital tem sido tema de grandes pesquisas, sobretudo na área de educação. Segundo Kleiman (2008) e Soares (2009), o conceito de letramento surgiu no contexto acadêmico na tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita e da alfabetização. Os autores compreendem que o termo fez parte das pesquisas brasileiras no final do ano de 1980, traduzido para o novo sentido de *literacy* e apropriado por dois campos de estudos nomeadamente: a Linguística Aplicada e a Educação.

Assim, Soares (2009) aponta que o conceito de letramento, no âmbito geral, ultrapassa o ato de ler e escrever. De acordo com ela, para o sujeito entrar no universo do letramento, é necessário apropriar-se do hábito de buscar uma revista para ler, de frequentar livrarias, revistarias e/ou bibliotecas, porém, “letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosa e variadas práticas sociais de leitura e de escrita”

(SOARES, 2009, p. 44). A autora acrescenta ainda que, por muito tempo, o termo letramento esteve relacionado ao conceito de alfabetização, o que quer dizer que não havia de certa forma uma separação entre os dois conceitos.

No que diz respeito ao letramento digital, foco desta reflexão, Soares (2009) afirma que é usado para se referir à questão da prática de leitura e escrita possibilitada pelo computador e pela *internet*, o que podemos designar como letramento cibernético por facultar o multiculturalismo nas práticas de leitura e escrita em vários suportes que a era digital oferece.

Já não podemos mais tratar o letramento (ou a linguagem) como se fosse o único ou o principal ou o mais importante meio de representação e comunicação. Há muitas outras modalidades hoje (as novas tecnologias facilitam o uso de imagem, sons, na representação de informação), e os espaços [...] onde a escrita está inserida, outras modalidades podem ser mais proeminentes e mais significativas. (KLEIMAN, 1995, p. 498).

A aprendizagem da leitura e escrita pode ser feita utilizando suportes oferecidos pelas novas tecnologias. Nesse contexto, o espaço digital é apropriado para a iniciação da linguagem escrita, levando em consideração que, através da imagem e do som, a criança assimila outros conhecimentos de forma equivalente ao suporte tradicional, neste caso, o papel impresso.

O conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas e complexidades difíceis de serem contempladas em uma única definição [...] estão as

duas principais dimensões do letramento: a dimensão *individual* e a dimensão *social* [...], quando o foco é posto na dimensão individual o letramento é visto como um atributo pessoal, parecendo referir-se à simples posse individual das tecnologias mentais complementares de ler e escrever e quando o foco se desloca para a dimensão social, o letramento é visto como um ler e escrever, ou nos usos, funções e propósitos da língua escrita no contexto social. (SOARES, 2009, p. 66).

Porém, em consonância com a autora, ao conceber o letramento deve-se considerar as duas dimensões, a social e a individual, uma vez que, para aprender a ler e a escrever, é preciso se ter em conta as dimensões em que o aprendiz/o aluno está inserido.

As definições de letramento que consideram as diferenças entre leitura e escrita tendem a concentrarem-se ou na leitura ou na escrita (mais frequentemente na leitura), ignorando que os dois processos são complementares: são diferentes, mas o letramento envolve ambos. (SOARES, 2009, p. 48).

Com o intuito de trazer uma contribuição para a melhoria do ensino e aprendizagem da leitura no ensino básico moçambicano, compreendo o letramento como ato indissociável da leitura e escrita, atentando que, embora sejam habilidades diferentes, não se pode ensinar uma separada da outra. Nesse contexto, para que a criança seja letrada no seu verdadeiro sentido, é necessário que seja confrontada com várias linguagens, desde a tela do celular até a do computador. Num outro estudo, Dantas e Sousa (2019) compreendem o letramento digital como sendo uma das:

Habilidades individuais e sociais necessárias para interpretar, administrar, compartilhar e criar sentido eficazmente no âmbito crescente dos canais de comunicação digital, além de trazer benefícios para a sala de aula por “apoiar abordagens pedagógicas construtivistas, centradas no aluno.” (DANTAS; SOUSA, 2019, p. 6, *apud* DUDENEY, 2016, pp. 17-20).

Como se pode compreender, a criança se torna leitora quando é inserida em ambiente propício para tal. No caso de letramento digital, ela deve ser confrontada por vários dispositivos, de modo que crie vivências significativas e se torne leitora.

Letramento Digital e o Ensino da Leitura

A crise sanitária imposta pelo COVID-19 trouxe inúmeras mudanças no seio da educação, obrigando professores e alunos a recorrerem às novas tecnologias de informação como a única possibilidade de evitar a descontinuidade do processo de ensino e aprendizagem.

Partindo dessa constatação, proponho-me a discutir, nesta seção, a possibilidade de adotar as novas tecnologias para formar leitores em Moçambique via *WhatsApp* já que, no século em que vivemos, a criança é rodeada de múltiplas linguagens disponíveis na televisão e em dispositivos portáteis e, apoiando-se no estudo desenvolvido por Souza (2020), que mostra a eficácia do aplicativo *WhatsApp* para o ensino e aprendizagem dos alunos dentro e fora de aulas.

O *WhatsApp* pode ser a primeira tecnologia que entrou na sala de aula sem qualquer treino ou supervisão de um administrador, já que professores e alunos usam isso na sua vida privada, e suas vantagens

permitiram que ele se tornasse, naturalmente, uma tecnologia educacional. (BOUHNİK; DESHEN, 2014, p. 229).

Partindo dessa concepção da autora, é possível pensar neste aplicativo para o ensino e aprendizagem de leitura no contexto de pandemia em Moçambique, uma vez que sua simplicidade poderia abranger muitas crianças desfavorecidas que se encontram fora da escola por falta de computador. Para Souza (2020), o uso do *WhatsApp* pode:

Ser explicado por alguns aspectos, dentre eles, o potencial de usabilidade em diversos modelos de smartphones – mesmo aqueles de tecnologia mais simples; sua elevada popularidade – sobretudo, entre os adolescentes; disponibilização de download gratuito; uso gratuito ofertado por diversas operadoras de celular; uso intuitivo e de fácil compreensão; possibilidade não limitada de troca de mensagens, imagens, vídeos, documentos e áudios, instantaneamente etc. (SOUZA, 2020, p. 3).

Tratando-se de crianças ainda em fase de alfabetização e de iniciação de leitura, o *WhatsApp* possibilita o professor formar um grupo por turma que funcione como sala virtual (para o envio de atividades e esclarecer dúvidas, obedecendo à regra de convivência de forma que não haja desvio do foco com os alunos). O professor, também, pode diversificar conteúdos, enviando áudios e vídeos para facilitar a compreensão dos conteúdos complexos e fazer videochamadas (para promover grupos de estudos com o máximo de 8 alunos). Nas videochamadas, para promover e facilitar a interação, os alunos podem apresentar trabalhos, desenvolver

novas propostas, fazer atividades de leitura em voz alta enquanto o professor acompanha sua evolução.

Como se pode ver, são diversas as possibilidades que o aplicativo pode proporcionar dentro do ensino e aprendizagem de leitura assim como no processo de letramento digital no âmbito geral.

Antes e depois das aulas, as crianças manipulam em casa os teclados virtuais dos celulares para escolher e fazer avançar as etapas dos jogos, para ver a performance de um youtuber, para ler um recado da mãe ou do pai ou da avó ou do avô, ausentes, pelo *WhatsApp*. As crianças praticam o ato conjunto de escrever mapeado na citação e, por isso, o ensino metódico de exercícios para desenvolvimento de consciência fonológica as levam ao tédio, do mesmo modo quando na escola lhes ensinam antigas lições, de morrer pela pátria e viver sem razão. (ARENA, 2020, p. 80).

A aproximação da criança às novas tecnologias faz com que se familiarize com a linguagem escrita disponível em qualquer dispositivo e se torne leitor. Os dispositivos digitais manejados pelas crianças no seio familiar podem ser compreendidos como algo que permeia as relações entre os sujeitos, promovendo encontros e diálogos com outros sujeitos. Além do mais, o contato frequente com esses aparelhos estimula a memória, proporcionando a construção de categorias de compreensão da realidade por ela vivenciada, a partir das informações e opiniões que estes oferecem à criança no seu cotidiano.

Sendo assim, é possível compreender a leitura como ato associado à vida. Arena (2010) olha para leitura como ato de rigor, de buscar e compreender o enunciado produzido pelo outro que está à espera dessa

atividade responsiva do leitor. Nessa perspectiva, um leitor responsivo não fica à espera que alguém o faça por ele, mas procura revitalizar a sua relação dialógica com o texto, enquanto o outro questiona e mobiliza o seu conhecimento do mundo, de modo que perceba o texto à sua disposição. É o mesmo que a criança faz diante da tela de um computador, do celular ou no grupo de *WhatsApp* criado pelo professor.

A leitura propriamente dita não é algo meramente acabado, pronto, mas é ponto de partida para ativar outras curiosidades e vivências do leitor como ser histórico, social e dialógico. Assim, ler é estabelecer diálogo, reconstruir percursos realizados por outros leitores (MENIN, 2010). Na perspectiva da filosofia da linguagem, Volóchinov (2017) afirma que:

Toda a palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Essa troca interativa com o outro faz com que o leitor não se torne estéril, que fica à espera de tudo pronto, ou como recipiente de conhecimentos trazidos pelo professor, como mostram as práticas de leitura de decodificação adotadas pelas escolas tradicionais. Um leitor interativo transforma a palavra, o texto ou o diálogo em benefício do seu conhecimento, pois é com a leitura que o leitor explora e vivencia suas emoções. Portanto, a criança ao manejar a dispositivo eletrônico, como no aplicativo *WhatsApp*, trocando mensagens de textos com alguém, lendo e

assistindo videoaulas enviadas pelo professor, está inevitavelmente se constituindo como leitor.

[...] uma tomada de informações e o que pode variar de uma situação à outra, é o que se quer fazer com essas informações: sonho, prazer, especulação, ação, etc. [...] trata-se sempre de uma atividade que encontra sua significação porque está inscrita no interior de um projeto. [...] trata-se sempre de tomar as informações que escolhemos tomar. (FOUCAMBERT, 2014, p. 63).

Sob esse olhar, é possível compreender que o aluno só se torna um leitor quando consegue desenvolver o seu projeto de dizer e fazer uso dos enunciados do outro para construir seus próprios sentidos. Nesse contexto, o *WhatsApp* é propício para troca de informações com o outro e para se tornar leitor.

Das reflexões acima tecidas, é possível entender que os precursores da leitura na perspectiva da linguagem e os defensores do uso dos aplicativos digitais, no caso do *WhatsApp*, assim como os do letramento digital, entram em consonância no que diz respeito à formação cultural do indivíduo, pois, em todos os âmbitos, a cultura do aluno e os modos de manejar esses dispositivos estão em primeiro lugar na apreensão e na transmissão de um determinado conhecimento.

Considerações Finais

Tomando como base as discussões feitas em torno das novas tecnologias e o letramento digital, senti que, por muito tempo, o campo da educação sempre colocou de fora as novas tecnologias como

possibilidade metodológica na formação de leitores e iniciação ao letramento digital. Por tal razão, muitas crianças desfavorecidas do mundo e, em particular, de Moçambique, no contexto de pandemia causada pelo COVID-19, estiveram fora da rede de ensino pela recusa à apropriação das novas tecnologias no contexto escolar.

Considerando os princípios sobre o letramento digital e a importância das novas tecnologias na formação sociocultural dos sujeitos, a educação básica moçambicana é chamada a responder esse desafio de modo que haja a diversificação da linguagem dentro e fora das salas de aula, pois, a criança no seio familiar, inevitavelmente, convive com essas linguagens diversificadas que as tornam leitora.

Desta forma, para que o sistema educativo forme leitores e escritores competentes, a criança deve ser exposta a essas linguagens diversificadas, levando em consideração que é convivendo com o escrito em diferentes dispositivos digitais que se torna letrado e, ao mesmo tempo, leitor capaz de construir os próprios sentidos. Portanto, a criança desde a sua tenra idade, deve ser exposta à diversas informações e manejar diversos suportes para se constituir como leitor. Neste caso, reitero a queda do mito construído historicamente e se adotar as novas tecnologias em destaque, como o aplicativo de troca de mensagens *WhatsApp* no contexto pedagógico.

Referências

ARENA, D. B. A literatura infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação no mundo da cultura escrita. *In*: MENIN, A. M. C. S. *et al.* (Orgs.). **Ler e compreender**: estratégias de leitura. São Paulo: Mercado de letras, 2010. p. 13-44.

ARENA, D. B. Nem literacia, nem letramento, mas leituresscrita e lescrever. **Rba/ Revista Brasileira de Alfabetização**. ISSN: 2445-8584, n. 13. 2020.

BOUHNİK, D.; DESHEN, M. *WhatsApp goes to school: mobile instant messaging between teachers and students*. **Journal of Information Technology Education: Research**, n. 13, p. 217-231, 2014. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1096751616300343?via%3Dihub>. Acesso em: 15 set. 2021.

DANTAS, M. V. R.; SOUSA, E. B. A leitura literária na escola sob as perspectivas do letramento digital. **Anais do VI Congresso Nacional de Educação – Conedu**, Editora Realize. 2019. Disponível em:

https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:wd4Aenmji2kJ:scolar.google.com/+A+LEITURA+LITER%C3%81RIA+NA+ESCOLA+SOB+AS+PERSPECTIVAS+DO+LETRAMENTO+DIGITAL&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1. Acesso em: 19 set. 2021.

FOUCAMBERT, J. **Modos de ser leitor: Aprendizagem e ensino da leitura no ensino fundamental**, 1 ed., editora UFPR, Curitiba, 2014.

GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**, 2 ed., Mercado de Letras, Campinas, SP/Brasil, 2009.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

KLEIMAN, A. B. Os estudos de letramento e a formação do professor de língua materna. **Linguagem em (Dis) curso – LemD**, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

MENIN, A. M. C. S. Avaliar atividades de leitura para quê? *In*: MENIN, A. M. C. S. *et al.* (Orgs.). **Ler e compreender**: Estratégias de leitura. São Paulo: Mercado de letras, 2010. p. 115-146.

MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. *In*: MARCOS T. M; BEHRENS, M. A, (Orgs.). Campinas, SP: Papyrus. (Coleção Papyrus Educação). 2006.

SOARES, M. **Letramento um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autentica editora, 2009. p. 128.

SOUZA, A. N. G. **A utilização do aplicativo de mensagens *WhatsApp* como recurso promotor de acolhimento e de incentivo à leitura em tempos de pandemia**. Congresso Internacional de educação e tecnologias: encontro de pesquisadores a distância. 2020.

VOLOCHÍNOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 1ª ed. São Paulo: 34, 2017.

